



(48) 3721 8319
www.prevestibular.ufsc.br

pré-vestibular
da UFSC *inclusão para a vida*



MATERIAL DE APOIO

Disciplina(s): **AIT / ATUALIDADES**

Professor: **André Peron**

Entenda a crise econômica, com um pouco de economês!



Um dos efeitos da crise econômica é um período de recessão. Recessão ocorre quando, sem novos investimentos e desaquecimento do consumo, há queda na produção e conseqüente decréscimo no PIB, a soma das riquezas produzidas de um país, por um período prolongado. Dados do National Bureau of Economic Research (NBER), um dos órgãos mais respeitados do setor, apontaram recentemente que os Estados Unidos estão em recessão desde 2007.

Crises econômicas fazem parte do jogo. Elas ocorrem desde o século 17, e as soluções da última trazem as sementes da próxima. A crise atual é um exemplo disso.

Depois da chamada "bolha" da internet, em 2001¹, uma das medidas adotadas nos Estados Unidos para estimular consumo e produção foi a redução da taxa de juros para empréstimos.

Os norte-americanos começaram então a comprar casas e apartamentos, seduzidos pelas prestações com juros baixos (que chegaram a 1% ao ano). Essas mesmas pessoas enxergaram no mercado imobiliário uma oportunidade de ganhar dinheiro, refinanciando a casa - dando como garantia o próprio imóvel - e usando o dinheiro do banco para pagar as prestações e obter lucro.

Os bancos, por sua vez, transformaram as hipotecas (as casas oferecidas como garantia de pagamento) em títulos e repassaram aos investidores.

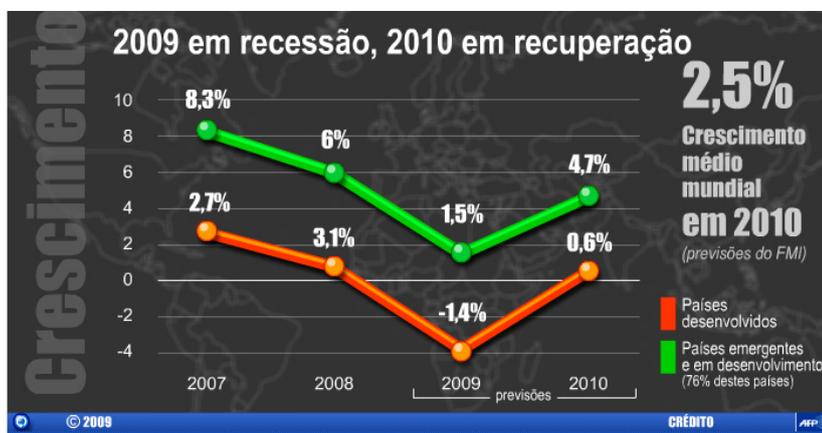
O problema foi que a inflação levou à alta das taxas de juros, provocando queda no preço dos imóveis e aumento nas mensalidades. Os mutuários não tiveram mais como pagar os financiamentos, os bancos perderam dinheiro com os calotes e os títulos tiveram o valor reduzido.

Basicamente, o que mantém o sistema funcionando é a confiança. Quando se perde a confiança, os bancos deixam de oferecer crédito e as empresas abandonam negócios de risco, em busca de segurança. Com isso, o dinheiro circula menos, as pessoas não consomem e cai o faturamento das empresas. Uma construtora, por exemplo, depende de empréstimos para construir um prédio. Sem dinheiro, abandona o projeto e os pedreiros ficam desempregados.

É nestas situações que o governo interfere, salvando instituições financeiras com dinheiro público (pode parecer injusto dar dinheiro para especuladores que causaram a crise, mas é a única forma de evitar maiores danos), colocando mais dinheiro em circulação e regulando o mercado, por exemplo.

¹ A bolha da internet, fenômeno observado entre 1995 e 2001, representa o momento mais importante da internet nos últimos dez anos. Iniciada em 1995 quando o Netscape fez um IPO (sigla em inglês para oferta pública inicial de ações), a bolha gerou trilhões de dólares em investimentos na internet e colaborou para o desenvolvimento de novas tecnologias e sites atualmente conceituados, como o Google. Durante este período de tempo empresas criadas a partir da INTERNET tiveram seus valores super estimados pelo mercado, até empresas que tinham como objetivos negócios completamente esdrúxulos, só pelo fato de serem empresas criadas a partir da INTERNET tinham um valorização absurda. Quando os mercados caíram na real, o que se convencionou chamar de o estouro da bolha, muitas empresas ponto com fecharam e investidores perderam enormes quantidades de dinheiro.

A questão é que um problema local, que começou com um setor econômico estadunidense, prejudica o mundo todo. Como a economia norte-americana é a maior do mundo, todos os outros países dependem dela, inclusive o Brasil.



FONTE: <http://aeiou.expresso.pt/grafico-animado-recuperacao-fragil-da-economia-mundial-em-2010=f529853>

O desemprego



FONTE: <http://aeiou.expresso.pt/grafico-animado-recuperacao-fragil-da-economia-mundial-em-2010=f529853>

Com os investimentos previstos no seu plano de recuperação econômica, Barack Obama espera ser capaz de impedir o fechamento ou criar 2,5 milhões de postos de trabalho até 2011. Refletindo a crise econômica, o desemprego vem crescendo nos Estados Unidos e, segundo dados oficiais, 533 mil vagas foram fechadas em novembro. Esse reflexo da crise também pode ser visto em outras regiões do planeta.

No Japão o desemprego é o mais alto dos últimos seis anos. A taxa de desemprego no mês de junho chegou a 5,5% - a maior alta dos últimos seis anos no país -, segundo dados oficiais divulgados nesta sexta-feira. Em maio, o índice foi de 5,2%. O número de desempregados aumentou em 830 mil em junho, chegando a um total de 3,48 milhões - 31,3% a mais que no mesmo mês no ano passado. Enquanto isso, a oferta de emprego caiu - hoje, para cada cem pessoas procurando trabalho, há 43 vagas.

No Brasil, o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, destacou, na audiência pública na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE), no Senado, que, pela primeira vez, a economia brasileira atingiu

um nível de desemprego abaixo do da Europa. Ele disse não haver dúvida de que a economia brasileira vem apresentando uma taxa de desemprego menor do que nos países da Europa e nos Estados Unidos.

Na audiência, Meirelles apresentou dados mostrando que, enquanto o desemprego começou a cair no Brasil, depois de ter subido com a crise financeira, a Europa mantém taxa de crescimento. No Brasil, o desemprego, que chegou a 9% em março de 2009, caiu para 8,1% em junho. Na Europa, onde também estava em 9% em março, subiu para 9,4%. O nível atual de desemprego no Brasil, embora mais alto do que o de 2008, está abaixo do registrado em 2007, observou Meirelles.

As mensagens tóxicas de Wall Street

Um dos legados desta crise será uma batalha de alcance global em torno de idéias. Ou melhor, em torno de que tipo de sistema econômico será capaz de trazer o máximo de benefício para a maior quantidade de pessoas. É possível que a crise atual não tenha ganhadores. Mas sem dúvida produziu perdedores e, entre esses, os defensores do tipo de capitalismo praticado nos EUA ocupam lugar de destaque, conforme a análise de Joseph Stiglitz².

Segundo o professor de economia, toda crise tem um fim, e ainda que hoje as coisas pareçam obscuras, esta crise econômica também passará. O certo em todo caso é que nenhuma crise, e muito menos uma tão grave como a atual vai-se sem deixar um legado. Um dos legados desta crise será uma batalha de alcance global em torno de idéias. Ou melhor, em torno de que tipo de sistema econômico será capaz de trazer o máximo de benefício para a maior quantidade de pessoas.

Em lugar algum essa batalha é mais inflamada do que no chamado Terceiro Mundo. Algo como 80% da população mundial vive na Ásia, na América Latina e na África. Dentre esses, uns 1,4 bilhões subsistem com menos de 1,25 dólares por dia. Nos Estados Unidos, chamar alguém de socialista pode não ser mais que uma desqualificação exagerada. Em boa parte do mundo, contudo, a batalha entre capitalismo e socialismo – ou ao menos entre o que muitos estadunidenses consideram socialismo – segue na ordem do dia. É possível que a crise atual não tenha ganhadores. Mas sem dúvida produziu perdedores e, entre esses, os defensores do tipo de capitalismo praticado nos EUA ocupam lugar de destaque. No futuro, de fato, viveremos as consequências dessa constatação.

Para resolver problemas globais, é fundamental que exista um sentido de cooperação e confiança, assim como um certo sentido de valores compartilhados. Essa confiança nunca foi sólida, e não fez senão debilitar-se nos últimos tempos.

No mundo em desenvolvimento, as pessoas olham para Washington e vêem o sistema de governo que permitiu a Wall Street prescrever uma série de regras que puseram a economia global em risco e que, quando é o caso de assumir as consequências, volta a recorrer a Wall Street para gerenciar sua recuperação. Vêem permanentes redistribuições de riqueza para o topo da pirâmide, claramente às custas dos cidadãos comuns. Vêem, em suma, um problema básico de falta de controle no sistema democrático estadunidense. E depois que se tenha visto tudo isso é preciso apenas um pequeno passo para concluir que há algo que funciona inevitavelmente mal com a própria democracia.

A economia estadunidense e, até certo ponto, o prestígio norte-americano no exterior vão eventualmente se recuperar. Durante muito tempo os Estados Unidos foram o país mais admirado do mundo, e ainda é o mais rico. Talvez seja verdade que o mundo se encaminha para o fim da história³? O fato é que agora se trata de navegar contra o vento e de sermos capazes de definir o custo das coisas.

Crise econômica pode acelerar ascensão dos BRICs

² * **Joseph Stiglitz** é professor de teoria econômica na Universidade Columbia, foi Presidente do Council of Economic Advisers entre 1995 e 1997, ganhou o Nobel de Economia em 2001. Atualmente preside a comissão de especialistas nomeada pelo presidente da Assembléia Geral da ONU para o estudo de reformas no sistema monetário e financeiro internacional.

³ Durante um certo período parecia que a derrota do comunismo supunha a vitória segura do capitalismo, particularmente do capitalismo de tipo estadunidense. Francis Fukuyama chegou a proclamar "o fim da história", definiu o capitalismo de mercado democrático como a última etapa de desenvolvimento social e declarou que a humanidade toda avançaria nessa direção.

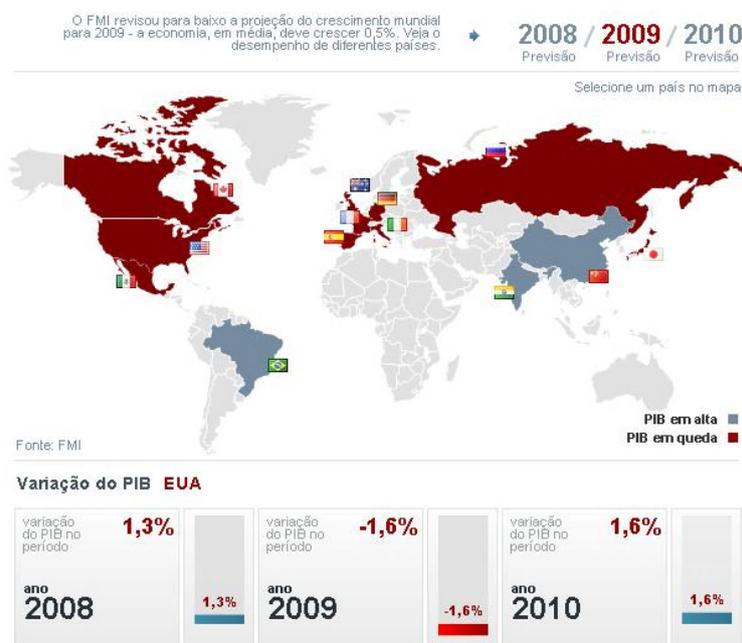
A crise econômica global não impedirá que os países do grupo dos BRIC estejam entre as maiores economias do mundo, segundo afirma o próprio autor do conceito dos BRICs, Jim O'Neill, economista-chefe do banco de investimentos Goldman Sachs.

Em entrevista exclusiva à BBC Brasil, O'Neill afirma que em 2020 a China, por exemplo, poderá estar próxima de disputar com os Estados Unidos o posto de maior economia do mundo. Segundo ele, os demais países dos BRICs poderão ter economias de tamanho equivalente à de países como Alemanha, França ou Reino Unido.

Para O'Neill, até 2020 a grande massa de consumo do mundo estará nas economias dos BRICs. A China já ultrapassou a Alemanha e se tornou a terceira maior economia do mundo, curiosamente no momento exato em que era previsto que isso aconteceria. A grande questão é se na próxima década (a China) vai ultrapassar o Japão e o quão perto vai estar dos Estados Unidos, em 2020. Poderá estar bem perto.

A grande questão para os outros três países será o quanto estarão perto, em 2020, das principais economias européias. Cada um tem algo em seu favor.

A Índia tem essa enorme vantagem demográfica. O Brasil, como tem sido demonstrado por esta crise, conta com uma estrutura macroeconômica que fornece uma ótima base em termos de política econômica. A Rússia é a que parece mais vulnerável, devido à sua excessiva dependência de energia e à ausência de mudanças, ou de qualquer prova de mudanças internas. Para 2020, a questão para os três países é saber se o tamanho de suas economias vai estar próximo das de Alemanha, França ou Reino Unido.



As opções do governo brasileiro para lidar com os efeitos da crise

A primeira reação do governo tem sido tentar evitar ou atenuar a secura de crédito, cuja expansão foi um dos motores da economia brasileira nos últimos anos, embora retórica oficial prefira dar mérito ao PAC.

Mas, como aconteceu em todas as crises recentes, o país pode ser obrigado a escolher entre crescimento e inflação -sacrificar o primeiro para evitar a segunda ou, na alternativa menos conservadora, tentar acelerar um correndo o risco de impulsionar a outra.

No primeiro caso, a receita é conhecida: os juros são mantidos ou até elevados, e o mesmo é feito com a meta de superávit primário (a parcela da arrecadação tributária destinada ao abatimento da dívida pública). As medidas reduzem o consumo público e privado, esfriam a economia e ajudam a impedir que a alta do dólar se transforme em aumento da inflação.

Esse era o cenário traçado antes do agravamento da crise, quando as atenções do governo se voltavam para a rápida piora da balança comercial, efeito colateral do consumo em alta. O projeto de Orçamento de 2009 já contempla a possibilidade de aumentar superávit primário.

Mas a perspectiva de contração econômica acima do esperado levou setores menos ortodoxos da equipe econômica a falar, até aqui no anonimato, em medidas pró-crescimento, de mais gastos públicos, menos impostos e menos juros. É o que os economistas chamam de política anticíclica: quando a economia vai bem, o governo faz mais economia; quando vai mal, gasta-se. No caso brasileiro, já não há mais tempo para a primeira parte do plano.

Para analistas, crise e ambiente darão ao Brasil maior influência em 2020

Seja por meio de organismos internacionais ou na relação direta com outros países, há espaço para o Brasil se tornar ainda "mais influente" nos próximos dez anos, de acordo com especialistas ouvidos pela BBC Brasil. E, em pelo menos duas áreas, essa oportunidade é maior: economia e meio ambiente.

"A crise trouxe uma chance sem precedentes para países como o Brasil", diz Marco Vieira, professor de Relações Internacionais do King's College, em Londres.

Para ele, a inclusão dos países emergentes nas discussões sobre a recuperação econômica, por meio do G20⁴, é "sintomática", pois já reflete "os novos polos do poder mundial".

Na avaliação de Vieira, a estabilidade econômica conquistada nos últimos anos, aliada a uma participação proativa em fóruns internacionais, reforçou a percepção de que o país tem legitimidade para estar presente nos principais debates mundiais.

"Nesse ponto temos uma grande vantagem sobre os outros BRIC", diz Vieira. "Não somos apenas uma grande economia. Somos um país democrático, pacífico e com credibilidade externa", diz.

A transferência de poder econômico dos Estados Unidos para os países emergentes também é apontada pelo historiador John Schulz, da Brazilian Business School, como um dos resultados da crise global.

Segundo ele, a participação dos países ricos no PIB mundial já vinha declinando e que a crise "deve acelerar esse processo". "O resultado é uma maior participação dos países emergentes à mesa de negociação", diz.

A eleição de Barack Obama para a presidência dos Estados Unidos também é vista como ponto a favor de um sistema financeiro mundial mais democrático. "Há uma expectativa de que ele seja mais aberto ao diálogo e a uma solução conjunta para os problemas mundiais", diz Vieira.

Uma oportunidade para reflexão

Está tomando forma um consenso geral em torno da ideia segundo a qual "a crise pode constituir uma chance se ela permitir repensar o modo de desenvolvimento", segundo a expressão empregada por Jean-Marie Harribey. "Se não houver uma conscientização generalizada por parte dos dirigentes políticos dos países ocidentais em relação à necessidade de se operar mudanças radicais em suas abordagens", explica Sylvie Faucheu, "isso provocará a morte do sistema dentro de algum tempo, porque inelutavelmente haverá consequências negativas, e destrutivas, quer no plano social, quer no plano ambiental".

Na busca de soluções, duas vias principais estão sendo esboçada, uma mais tecnológica, a outra mais social. A primeira é defendida por Nicholas Stern, para quem "nós deveríamos investir em infra-estruturas que permitam produzir a eletricidade de outras formas, dentro de construções mais eficientes em termos energéticos, de maneira a podermos passar para uma economia que emitirá pouco carbono". E ele acrescenta: "Está havendo uma oportunidade enorme para tais investimentos, cujo montante total provável é de 1 trilhão de dólares por ano no decorrer dos próximos vinte anos. Isso ajudará os países a saírem da recessão, e, portanto, contribuirá para solucionar o problema da distribuição". Contudo, conforme observa Christian Comélieu, "o crescimento está sendo questionado, porque o peso da crise financeira acrescenta ao fator ecológico um elemento de bloqueio".

Em vez de valorizar a procura de uma ruptura tecnológica, a segunda via privilegia a modificação das regras do jogo do sistema econômico. Nesse sentido, segundo Jean-Marie Harribey, "é preciso ampliar a esfera não mercantil, cujo impacto ambiental geralmente revela ser bem mais reduzido: a saúde e a educação são os dois pilares principais desta geração de riquezas".

⁴ *Quem faz parte do G 20?*

Os principais países ricos (Estados Unidos, Japão, Alemanha, Grã Bretanha, França, Canadá, Itália, Rússia, além da União Européia) e os principais emergentes (China, Índia, Brasil, África do Sul, Arábia Saudita, México, Argentina, Austrália, Indonésia e Coreia do Sul).

Em todo caso, conforme avalia Benjamin Grebot, "esta é a oportunidade ideal para voltarmos a questionar o modo de funcionamento do sistema atual, que visa a rentabilidade a qualquer custo, sem se preocupar com os danos causados ao meio-ambiente. Não se trata de sair da economia de mercado, mas sim de organizá-la de outra forma".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Joseph Stiglitz. **As mensagens tóxicas de Wall Street.** Disponível em: <<http://envolverde.ig.com.br/materia.php?cod=59779&edt>>.

José Renato Salatiel. **Da bolsa de valores ao bolso do consumidor.** Especial para a Página 3 Pedagogia & Comunicação. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/atualidades/crise-economica.jhtm>>.

Rogério Wassermann. **Crise econômica pode acelerar ascensão dos BRICs.** <http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/300309_clusterbrics_ji.shtml>

Hervé Kempf. **O meio-ambiente pode ser beneficiado pela crise econômica.** <<http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2008/10/21/ult580u3381.jhtm>>

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2008/crisenoseua/>

http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/economia_crise.shtml